# O Choro de MC Ryan SP

A entrevista concedida por MC Ryan SP a Roberto Cabrini após sua passagem pela prisão chamou atenção sobretudo por um aspecto específico: o choro. Não foram as acusações, nem os detalhes da investigação, nem as contradições de sua trajetória pública que ocuparam o centro das discussões posteriores. Durante dias, milhares de comentários concentraram-se na mesma questão. Ryan estava emocionado de verdade? As lágrimas eram sinceras? Estaria arrependido? O debate público se esvaziou rapidamente dando prioridade para os sentimentos. Esse movimento, que não é acidental, mostra uma característica da sociedade contemporânea e a forma como o capitalismo organiza a percepção da realidade.

A questão fundamental não consiste em determinar se Ryan chorou honestamente ou se realizou uma encenação calculada. Essa é uma pergunta insolúvel. Nenhum observador tem acesso direto à interioridade de outro indivíduo. Mais importante do que descobrir a autenticidade das lágrimas é compreender por que as lágrimas adquiriram tamanho valor social. Por que o choro virou uma linguagem tão poderosa na política, no entretenimento, na televisão e nas redes sociais? Por que uma entrevista pode ser reorganizada inteiramente em torno de alguns minutos de emoção pública?

O capitalismo contemporâneo produz uma situação peculiar. Ao mesmo tempo em que estimula formas o individualismo, concorrência e autopromoção, necessita constantemente reconstruir laços emocionais que amenizem os efeitos destrutivos dessa mesma dinâmica. O sujeito moderno é visto diante dos outros como empresário de si mesmo que precisa vender sua imagem, administrar sua reputação, disputar atenção, construir relevância pública. A celebridade é a expressão mais acabada desse processo. Sua própria personalidade transforma-se em mercadoria. Sua vida privada torna-se matéria de circulação econômica e seus conflitos, relacionamentos, fracassos e sofrimentos integram o mercado de imagens. MC Ryan é produto desse contexto histórico. Sua ascensão ocorreu dentro de um segmento do funk profundamente associado à ostentação material. Carros importados, joias, mansões, festas, grandes contratos e demonstrações permanentes de riqueza são elementos centrais dessa estética. Não é apenas de gosto pessoal. Essa linguagem expressa uma determinada experiência social produzida pela periferia urbana brasileira diante de uma sociedade marcada pela

desigualdade extrema. O dinheiro tem função de reconhecimento, prestígio e afirmação pública da vitória individual e o artista, uma espécie de prova viva da possibilidade de ascensão econômica.

Mas toda imagem social produz suas fragilidades. A figura pública construída sobre demonstrações de força, sucesso e prosperidade encontra dificuldades quando é submetido a situações de crise. Prisões, investigações policiais, acusações de violência doméstica, conflitos judiciais ou episódios de exposição negativa produzem fissuras na imagem anteriormente consolidada, por isso então a necessidade de reorganizar simbolicamente a relação entre personagem e público; por isso a importância do choro. As lágrimas cumprem uma função ideológica de suspender temporariamente a figura da celebridade e apresenta outra figura em seu lugar. Diante das câmeras, a riqueza acumulada, os carros, os contratos, as acusações, os conflitos e toda a arquitetura pública construída em torno da figura do artista recuam temporariamente para abrir espaço a uma imagem muito mais poderosa do ponto de vista afetivo: a de um homem que sofre. As lágrimas reorganizam a percepção do público porque suspendem por alguns instantes as perguntas sobre os fatos e conduzem o olhar para a experiência emocional daquele que fala.

A sociedade burguesa tem longa tradição nesse tipo de operação simbólica. O século XIX foi marcado pela expansão do melodrama como forma dominante de organização dos sentimentos públicos. A televisão herdou essa estrutura narrativa, o jornalismo contemporâneo também. O sofrimento individual foi construído como linguagem universal porque simplifica fenômenos complexos e oferece ao público uma participação afetiva marcado pela imediaticidade. A lágrima encurta o caminho entre a imagem e o público, reduzindo a presença das mediações históricas e sociais que cercam determinado acontecimento enquanto amplia a disposição para a identificação emocional e a compaixão. Marx observou que a sociedade capitalista transforma relações sociais em relações entre coisas. Talvez seja possível acrescentar que o capitalismo tardio realiza também o movimento inverso: transforma problemas históricos em experiências emocionais individuais. A força dessa narrativa reside em apresentar problemas históricos como experiências individuais. Aquilo que possui raízes profundas na organização da sociedade reaparece como sofrimento privado, de escolhas pessoais, de erros, arrependimentos e superações, produzindo uma leitura na qual o destino dos indivíduos parece mais importante do que as relações sociais que os constituem.

O choro de MC Ryan está longe de ser um acontecimento isolado. Ele participa de uma atmosfera cultural na qual a emoção ocupa posição central na vida pública. As lágrimas aparecem regularmente em campanhas eleitorais, entrevistas televisivas, podcasts, programas de auditório e plataformas digitais, compondo uma gramática emocional compartilhada por políticos, artistas, empresários e influenciadores. A exposição do sofrimento ganhou relevância social num período histórico marcado pela espetacularização da intimidade e circulação permanente de imagens, circunstância que incorporou os sentimentos ao funcionamento cotidiano da política, do entretenimento e da indústria cultural. O artista que durante anos esteve associado à riqueza, ao consumo e ao sucesso empresarial reapresenta-se ao público através da linguagem da dor. Não abandona completamente a figura anterior, mas acrescenta uma nova camada à sua imagem pública. A força simbólica do choro está na capacidade de aproximar uma figura pública associada ao dinheiro, à ostentação e ao sucesso material de experiências humanas compartilhadas por praticamente qualquer indivíduo, produzindo identificação e empatia sem comprometer o valor mercadológico que sustenta sua imagem. Numa sociedade organizada pela circulação incessante de imagens, poucas manifestações tem a densidade simbólica da lágrima, que concentra sofrimento, fragilidade, arrependimento e humanidade numa única expressão visual, estabelecendo uma conexão emocional imediata entre personagem e audiência e influenciando a forma como os acontecimentos são recebidos, interpretados e incorporados ao imaginário coletivo.

O episódio envolvendo MC Ryan diz muito menos sobre um indivíduo específico do que sobre uma sociedade que passou a consumir emoções como mercadorias culturais. As lágrimas correm diante das câmeras porque a emoção é a linguagem privilegiada do espetáculo. O sofrimento é filmado porque a vulnerabilidade circula. O choro é publicizado porque produz valor simbólico. A questão central não está na sinceridade ou na falsidade das lágrimas, mas na forma histórica que as transforma em acontecimento público, reorganizando a percepção coletiva através da emoção e convertendo a fragilidade humana em elemento constitutivo da circulação das imagens na sociedade capitalista.

**Arthur Moura**